

A mão-de-obra
ociosa
não qualificada

Constrói-se
mais em
Fortaleza

Aumenta
o consumo do
cimento

Outros
setores em
expansão

HABITAÇÃO E CIMENTO

Em trabalho recente, editado pela Associação Brasileira de Cimento Portland, o sr. Luís Alfredo Salomão, assessor técnico daquela entidade, procura, em primeira aproximação do problema, fixar a estimativa da demanda de cimento gerada pela construção de habitações, e permite com a fixação de seus primeiros números tirar conclusões altamente significativas para a análise de alguns aspectos básicos do programa habitacional. À luz de levantamentos efetuados no período 1965/1968 e nos primeiros meses de 1969, o autor, partindo de algumas premissas, chegou a definir uma demanda setorial de cimento no período 1969/1971 que dificilmente será muito alterada pela realidade. Tais premissas, de um modo geral baseadas nos programas do BNH e na experiência já acumulada, foram: um investimento global anual em habitação da ordem de 4% do PIB, no período mencionado; um índice de investimento unitário médio requerido para construção de habitações da ordem de 370 cruzeiros novos em 1969 e 330 cruzeiros novos no período 1970/1971; um coeficiente técnico de utilização média de cimento de cerca de 2 sacos por metro quadrado em 1969/1970 e de 2,5 sacos por metro quadrado em 1971.

A partir dessas hipóteses chegou-se a estimar uma demanda de 1 080 000 sacos de cimento para habitação em 1969 e, respectivamente, 1 280 000 e 1 700 000 sacos para este ano e o próximo. Consideradas as projeções de consumo global do produto, para o mesmo período, teremos plenamente caracterizada uma evolução porcentual, como segue: 13,3% do consumo total em 1969, 14,3% em 1970 e 17,3% em 1971. Naturalmente, se as hipóteses iniciais forem alteradas, modificam-se os índices; mas de qualquer forma tais alterações - por exemplo inversões no PNH, da ordem de 5% do PIB ao invés de 4% - não são de molde a modificar radicalmente o panorama da questão, sendo razoável admitir que a demanda de cimento para a construção possa situar-se entre 15 e 20% do consumo global. É aí que se pode tirar, simultaneamente, duas importantes conclusões, se atentarmos para o fato de que em outros países - onde aliás não se apregoa uma tal concentração maciça de esforços em torno do problema habitacional - os índices são substancialmente mais elevados e o consumo de cimento em habitações atinge cerca de 30% da demanda nacional do produto. A primeira conclusão é que, apesar das acusações de distorção na política oficial de investimentos, os recursos destinados à habitação são ainda provavelmente inferiores aos desejáveis; a segunda conclusão é que o coeficiente técnico de utilização do cimento ainda é baixo e reflete sem dúvida o estágio pouco evoluído da indústria de construção civil do País. Admitindo que as conclusões do trabalho estão corretas deve-se prever a paulatina correção dos dois fatores mencionados, pela própria dinâmica do plano habitacional de um lado, e pela imperiosa necessidade de modernização do parque industrial no setor de outro, o que faz reverter o desafio diretamente às próprias indústrias produtoras do cimento, ainda no comêço desta década.